



# DIÁRIO

## da Assembleia Nacional

IX LEGISLATURA (2010-2014)

2.ª SESSÃO LEGISLATIVA

### REUNIÃO PLENÁRIA DE 15 DE AGOSTO DE 2011

**Presidente:** Ex.<sup>mo</sup> Sr. Evaristo Carvalho

**Secretários:** Ex.<sup>mos</sup> Srs. Celmira Sacramento  
Deolindo da Mata  
Sebastião Pinheiro

#### SUMÁRIO

O Sr. Presidente declarou a aberta a sessão às 10 horas e 25 minutos.

**Antes da ordem do dia:** - Procedeu-se à tomada de posse de Deputados a Assembleia Nacional.

A Mesa deu conta que nenhum grupo parlamentar cumpriu o que está estipulado no artigo 85.º, n.º 2 do Regimento.

O Sr. Deputado Delfim Neves (PCD) apelou a Mesa a observância do ponto n.º3 do mesmo artigo.

Os Srs. Deputados José Viegas (MLSTP/PSD), Alcino Pinto (MLSTP/PSD), Albertino Bragança (PCD), Arlindo Barbosa (MLSTP/PSD), Maria das Neves (MLSTP/PSD) congratularam com o Sr. Deputado Delfim Neves e pediram a Mesa o bom senso para ultrapassar o problema.

Os Srs. Deputados Idalécio Quaresma (ADI) invoca o artigo 83.º n.º 4 do Regimento e pede a Mesa o cumprimento escrupuloso do mesmo.

Os Srs. Deputados Levy Nazaré (ADI) e Hélder Paquete (ADI) também pedem a Mesa o cumprimento do Regimento.

O Sr. Deputado Cecílio Quaresma (ADI) lamenta a atitude do Sr. Deputado Delfim Neves (PCD) de ter chamado os deputados de covardes.

Em declarações Políticas, o Sr. Deputado Delfim Neves (PCD) criticou em primeira mão a insuficiência ou quase a inexistência de trabalho parlamentar durante essa sessão legislativa, e de seguida teceu duras críticas ao executivo liderado pelo primeiro-ministro Patrice Trovoada.

O Sr. Deputado José Viegas (MLSTP/PSD) parabenizou o novo Presidente da República eleito e pediu que seja criada uma Comissão Parlamentar do Inquérito (CPI) para esclarecer as acusações feitas pelo Sr. Deputado Delfim Neves (PCD) ao executivo de Patrice Trovoada.

O Sr. Deputado Idalécio Quaresma defendeu que o slogan do seu partido durante a campanha foi a estabilidade e continuam sempre a pautar pela estabilidade.

**Ordem do dia:** - Foi apreciado e aprovado na generalidade especialidade e em votação final global o projecto de resolução n.º21/IX/11. – Autoriza o funcionamento das Comissões Especializadas Permanentes, durante o período de Férias.

Intervieram, a diverso título, os Srs. Deputados Idalécio Quaresma (ADI), Octávio Boa Morte (ADI), Guilherme Octaviano (MLSTP/PSD), Albertino Bragança (PCD), e Levy Nazaré (ADI)

O Sr. Presidente declarou encerrada a 2.ª Sessão Legislativa às 13 hora e 10 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, existe quórum, pelo que declaro aberta a sessão.

*Eram 10 horas e 25 minutos.*

*Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Adilson Cabral Managem**  
**Adérito** de Oliveira Bonfim dos Ramos  
**Alda Ramos**  
**André Varella Ramos**  
**Carlos Manuel Cassandra Correia**  
**Cecílio** Quaresma **da Graça** do Sacramento  
**Celmira** de Almeida do **Sacramento**  
**Domingos** José da Trindade **Boa Morte**  
**Domitília** Portulêz **Trovoada** da Costa  
**Flávio** Pires **Mascarenhas** dos Ramos  
**Helder Paquete Lima**  
**Homero Augusto**  
**Idalécio** Augusto **Quaresma**  
**Evaristo** do Espírito Santo **Carvalho**  
**Isabel** Mayza Jesus da Graça **Domingos**  
**José António** do Sacramento **Miguel**  
**Jaconias da Conceição Semedo Pereira**  
**José** da Graça **Diogo**  
**José Manuel** Costa Alegre  
**Levy** do Espírito Santo **Nazaré**  
**Mário Fernando**  
**Martinho** da Trindade **Domingos**  
**Octávio** da Costa de **Boa Morte** Fernandes  
**Paulo Jorge** de Carvalho  
**Roberto** Patrício das Neves **Lombá**  
**Solange** Quaresma **Afonso**

Movimento Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD)

**Adllander** Costa de **Matos**  
**Alcino** Martinho de Barros **Pinto**  
**António** Afonso **Ramos**  
**António** Neves Sacramento **Barros**  
**Arlindo Barbosa** Semedo  
**Aurélio** Pires Quaresma **Martins**  
**Carmelita Taveira**  
**Deolindo** Luís da Trindade **da Mata**  
**Elsa** Maria d'Alva Teixeira **Pinto**  
**Filomena** Sebastião Santana **Monteiro** d'Alva  
**Hélder** Afonso da Costa **das Neves**  
**José** da Graça **Viegas** Santiago  
**José Rui Tavares Cardoso**  
 Manuel da Cruz **Marçal Lima**  
**Guilherme Octaviano**  
**Maria das Neves** Ceita Batista de Sousa  
**Maria do Rosário Barros**  
**Silvívia Ambrósio** Gil do Espírito Santo  
 Joaquim **Rafael Branco**  
**Mayfrer Mendes Ferreira**  
**Waldemar Eduardo Jesus**

Partido de Convergência Democrática (PCD):

**Albertino** Homem Sequeira **Bragança**  
**Delfim** Santiago das **Neves**  
**Filomena** Maria Xavier **de Pina** dos Prazeres  
**Firmino** João **Raposo**

**Francisco** Inácio da Silveira **Rita**  
**Sebastião** Lopes **Pinheiro**  
Maria **Edite** Salvaterra Pinto

Movimento Democrático Força da Mudança/Partido Liberal (MDFM/PL):

**Hélder Menezes**

O Sr. **Presidente**: — Vamos dar início aos nossos trabalhos começando pelo empossamento dos deputados substitutos. Convido a Sra. Secretária da Mesa a proceder a leitura do auto de empossamento dos deputados substitutos de acordo com as solicitações feitas pelos diferentes grupos parlamentares.

Tem a palavra a Sra. Secretária da Mesa.

A **Secretária** (Celmira Sacramento): — Sr. Presidente, Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares e Descentralização, Sras. e Srs. Deputados muito bom dia.

Passo a leitura do termo de posse para novos companheiros a essa Casa Parlamentar.

«Termo de Posse de Deputados à Assembleia Nacional:

Compareceram, perante o Plenário da Assembleia Nacional, aos 15 dias do mês de Agosto do ano 2011, os Srs. Deputados substitutos Hamiltom de Jesus Fernandes Lavres, Djemila S. Gil Martins de Sousa, Justino Arnaldo da Silveira, Lourença Soares de Barros, Marcos Diogo dos Santos e Vasco Gonçalves Guiva, dos círculos eleitorais de Canta Galo, Lobata e da Região Autónoma do Príncipe, em substituição dos Srs. Deputados eleitos Filomena de Pina dos Prazeres, Flávio Mascarenhas, António Ramos, Carlos Correia, Adllander da Costa de Matos e Carmelita de Lima Taveira, tendo os mesmos prestado juramento nos termos constitucionais

E para constar, lavrou-se o presente Termo de Posse, que vai ser assinado por Sua Excelência o Sr. Presidente da Assembleia Nacional, já assinado pelos empossados e por mim, a Secretária Permanente da Mesa da Assembleia Nacional.»

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, hoje temos na ordem dos nossos trabalhos, primeiramente nos termos legais onde temos o Período de Antes da Ordem do Dia, antes da declaração política acho que deveria ser a leitura dos expedientes importantes, obedecendo aquilo que vem no artigo 83.º.

Temos dois assuntos a levar ao conhecimento da Plenária.

O primeiro assunto, chegamos a conclusão da eleição presidencial que foi realizada a 7 de Agosto e temos que preparar o acto de posse como vem instituído na Constituição.

Diz a Constituição que: «O Presidente da República eleito toma posse perante a Assembleia Nacional, no último dia do mandato do Presidente da República cessante ou, no caso de eleição por vagatura, no oitavo dia subsequente ao dia da publicação dos resultados eleitorais.»

Esse acto terá lugar no dia 3 de Setembro próximo, numa reunião especial da Assembleia Nacional, obedecendo as regras já definidas nos artigos 241.º, 242.º e 243.º do Regimento.

Este acto também comporta um cerimonial que já é habitual. Nesta sessão solene que está sendo organizada e ensaiada por todas as entidades intervenientes tem um programa cujo a proposta apresentamos a todos os Srs. Deputados.

Naturalmente que o convite, brevemente, será também distribuído a todas as entidades nomeadamente os deputados desta Assembleia.

A sessão comportará algumas actividades como vêm no programa, é uma sessão que estamos a planificar para todo o dia 3 de Setembro. Estamos a prever que cada partido com assento parlamentar participe nesta actividade com a presença dos seus militantes e estamos a prever em termos proporcionais, para o partido ADI 80 militantes, o MLSTP/PSD com 60 militantes, PCD com 40 militantes e MDFM com 20 militantes.

Também prevemos convidar os partidos sem assento parlamentar em termos de um representante para cada um deles.

O acto vai ser realizado no anfiteatro da nossa Sede Parlamentar e calculamos com os convidados estrangeiros e nacionais que seja concorrido com 900 pessoas.

Portanto, é o trabalho que estamos a organizar, é o trabalho que a Assembleia tem pela frente de forma que no dia 3 de Setembro concluamos todo esse ciclo de eleições, nomeadamente da eleição presidencial. É esta informação acerca disso que queríamos levar ao conhecimento dos Srs. Deputados.

A segunda informação tem a ver com um pedido introduzido através do Ministério dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização. É um pedido de apresentação de um programa do PNUD a Assembleia Nacional nomeadamente através do seu presidente e dos Líderes e certamente dos deputados que estiverem interessados. Consiste na apresentação de um programa de educação cívica que comporta quatro mensagens:

- 1 - Educação sobre a Democracia,
- 2 - Educação sobre a Tolerância,
- 3 - Educação sobre Direito Humanos,
- 4- Abordagem sobre os Heróis Nacional.

É um programa que tem por fim contribuir para a consciencialização do conceito da nossa nação, de igualdade de direito de oportunidade entre homens e mulheres. Como o próprio nome diz, é um programa de educação cívica dos nossos cidadãos.

Pretendem fazer essa apresentação nesta Assembleia no próximo dia 17, pelo que se a plenária assim o entender está feito o convite para assistir a esse acto de apresentação que achamos ser um programa de grande importância para todos os são-tomenses e muito particularmente para os membros da Assembleia Nacional.

Penso que o programa foi distribuído a cada um dos Srs. Deputados. Portanto, são essas duas informações que queríamos transmitir às Sras. e Srs. Deputados.

Gostaríamos de saber se há alguma observação quanto a essas informações.

Como dissemos o programa de empossamento do novo Presidente da República está sendo organizado obedecendo rigorosamente o que vem estatuído na Constituição e no Regimento.

Diz o nosso Regimento; Processo relativo ao Presidente da República, artigo 241.º.

1. «A Assembleia Nacional reúne especialmente para a posse do Presidente da República, nos termos do n.º 3 do artigo 78.º da Constituição.
2. Se a Assembleia não estiver em funcionamento efectivo, reúne-se por iniciativa da Comissão Permanente ou, na impossibilidade desta e em caso de grave emergência, por iniciativa de mais de metade dos Deputados».

Neste momento concreto, naturalmente, que hoje é o último dia da 2ª Sessão Legislativa, vamos encerrá-la, essa reunião especial, a Sessão Solene será convocada pela Comissão Permanente nos termos do dispositivo que acabamos de ler.

Artigo 242.º, «Formalidades». Estas formalidades estão contidas no cerimonial que apresentamos.

O artigo 243.º, «Actos Subsequentes», também farão parte do cerimonial que apresentamos. Aliás, é uma cerimónia que esta Casa Parlamentar tem experiência, porque é a 5.ª experiência. Tivemos duas do primeiro Presidente após o período da democracia, mais duas experiência em relação ao Presidente que agora acaba o seu mandato e agora vamos entrar na 5.ª experiência.

Penso que estamos já bastante experientes nesta matéria. Não havendo qualquer observação, como disse brevemente será distribuído o convite para cada um dos Srs. Deputados, a fim de participarem nessa Sessão Solene.

Relativamente à apresentação do programa do PNUD também estamos convencidos que é um programa que interessa a todos os deputados pelo que, na quarta-feira às 10 horas numa das salas deste edifício poderemos assistir essa apresentação.

Posto isso, temos agendado ainda no Período de Antes da Ordem do Dia, nos termos legais, declarações políticas que por acaso até este momento não houve qualquer manifestação de nenhum grupo parlamentar.

Como diz o nosso Regimento: «As declarações políticas devem ser anunciadas a Mesa até o início da reunião».

Portanto, até agora a Mesa não recebeu qualquer sinal neste sentido. Sendo assim, passaríamos de imediato a discutir o único ponto da Ordem do Dia.

Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, é apenas para pedir a Mesa da Assembleia que observasse o Período Prévio a Ordem do Dia, também está regimentado. Mesmo não sendo uma declaração política que se deve avisar ou informar previamente a Mesa, a intervenção dos deputados no período prévio a Ordem do Dia é feita durante a sessão.

O Sr. **Presidente**: — Diz o artigo 83.º do nosso Regimento:

1. «O período de antes da ordem do dia é destinado:
  - a) À leitura dos anúncios que o Regimento impuser e de expediente;
  - b) As declarações políticas;
  - c) Ao tratamento pelos Deputados de assuntos de interesse político relevante;
  - d) À emissão de votos de congratulação, saudação, protesto ou pesar propostos pela Mesa ou por algum Deputado».

Depois o artigo 85.º que tenta regular essas intervenções, diz o seguinte:

1. - «Cada grupo parlamentar tem direito a produzir, no período de antes da ordem do dia, uma declaração política com a duração máxima de 10 minutos e com prioridade sobre as demais intervenções.
2. Os grupos parlamentares que queiram usar do direito consignado no número anterior devem comunicá-lo à Mesa até ao início da respectiva reunião»

É isso que acabei de dizer.

3. «Para efeitos de tratamento pelos Deputados de assuntos de interesse político relevante é aberta uma ordem de inscrição especial, que cessa com o termo ou a suspensão da sessão legislativa».

Também queria dizer que a Mesa neste momento não tem qualquer inscrição especial sobre isso.

Ainda em relação a emissão de votos, reza o Regimento no artigo 89.º:

1. «Os votos de congratulação, protesto, saudação ou pesar podem ser propostos pela Mesa ou por um número de Deputados não inferior a quatro».

Isso não está em causa. Portanto, o que o Sr. Deputado Delfim Neves põe em causa é o n.º 3 do artigo 85.º.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Exactamente.

O Sr. **Presidente**: — Qual é a proposta que o Sr. Deputado faz neste momento? Que se abra a inscrição?

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Naturalmente.

O Sr. **Presidente**: — Temos uma outra interpretação em relação a este ponto, artigo 85.º diz:

3- «Para efeitos de tratamento pelos deputados de assuntos de interesse político relevante é aberta uma ordem de inscrições especial, que cessa com o termo ou a suspensão da sessão legislativa».

A interpretação que tenho é que desde o início da sessão até o fim deve haver uma inscrição para esse efeito.

**Uma voz**: — De que sessão?

O Sr. **Presidente**: — Esta acaba hoje. Devia haver desde 15 de Abril até hoje uma inscrição especial para esse efeito.

Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, acho que essa interpretação é de todo inaceitável, número um.

Número dois, quando estamos perante uma sessão de encerramento de uma sessão legislativa que não houve nenhuma sessão plenária. Ainda que houvesse não havia espaço para tal.

O Sr. **Presidente**: — A Plenária é soberana, portanto, está aberta a discussão.

A Mesa tem uma apreciação, ela está sendo debatida, portanto, está aberta a discussão. Tudo, creio eu, para aperfeiçoar o funcionamento da nossa Casa Parlamentar.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Viegas.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, não tenho razões para não estar de acordo com o Sr. Deputado Delfim Neves, e se os argumentos que ele despendeu não bastam pelo menos devíamos ter o sentido de bom senso entender que mesmo a preparação para esta Plenária foi feita em situações muito especiais.

Tendo havido uma Conferência de Líder na sexta-feira como houve, para uma sessão para segunda-feira.

O Sr. **Presidente**: — De facto esta reunião foi preparada muito sobre joelhos. A Mesa tinha também outra proposta, que era no sentido de encerrar esta sessão de uma forma administrativa, mas durante a conferência de líderes houve opinião que deveríamos fazer pelo menos esta reunião plenária.

Foi por isso que de facto houve um curto espaço de tempo para prepará-la e o argumento fundamental para que ela fosse realizada era no sentido de darmos a possibilidade de as comissões continuarem a trabalhar, tendo em conta que durante esta sessão pouco se produziu nesta Casa parlamentar, tendo em conta o clima político à volta das eleições presidenciais.

De facto, a partir de Maio/Junho houve um envolvimento muito grande da classe política e, nomeadamente, dos deputados na campanha eleitoral para as presidenciais e a conclusão é que se produziu muito pouco em relação aos trabalhos parlamentares. Reconhecemos que, para ganharmos o tempo, estamos a propor ao Plenário para que as comissões continuem a trabalhar de maneira a dar satisfação aos vários projectos e propostas que as comissões têm em mãos para o efeito.

Tem a palavra o Sr. Idalécio Quaresma para uma intervenção.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, também estou inteiramente de acordo com a proposta apresentada. Tanto é que no artigo 83.º diz bem claro, «período antes da ordem do dia», no seu ponto 4 diz, «compete ao Presidente, ouvido a Conferência, a organização do período de antes da ordem do dia nos termos do n.º 2, o qual pode abranger os períodos de antes da ordem do dia de mais de uma reunião plenária».

Na reunião da Conferência de Líderes o que ficou decidido, estava eu presente, a declaração política, como vem na proposta, e a discussão da resolução para o funcionamento das comissões no período de férias. Esse foi o agendamento na conferência de líderes e, portanto, não estava invocada nenhuma questão de levantar alguns assuntos de interesse relevante.

Mas também é bom que se diga que tem sido de alguma tradição essa questão. Tivemos aqui várias plenárias que muitas vezes introduziam-se questões que, em termos regimentais, não estavam adequadas. Creio que nesta melhoria do aperfeiçoamento da Assembleia devemos cingir o que está regulamentado. Caso

algum deputado aqui presente nesta plenária tiver sentido contrário tem mecanismo próprio para propor a alteração do Regimento.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra ao Sr. Deputado Alcino Pinto para uma intervenção.

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, caros colegas, julgo ser judicioso a nossa preocupação para que a Assembleia caminhe no sentido do respeito pelas normas legais. Todavia, quero chamar a atenção, como dizia o Sr. Deputado, para o bom senso.

Não sei se do meu grupo parlamentar há declaração política, não sei, mas gostaria de chamar a atenção para o seguinte: já hoje aqui o próprio Sr. Presidente violou aquilo que está na ordem do dia. Começamos uma ordem do dia pelo inverso, portanto, os dois pontos que foram aqui feitos, em termos de informação, está no quadro da ordem do dia e não no período de antes da ordem do dia.

Não reagimos a isso porque entendemos que elas são informações normais úteis. Daí que, tendo saído, sobretudo, de um quadro eleitoral como foi, julgo que é bom senso que nesta sessão de encerramento, porque vamos de férias por dois meses, algumas mensagens sejam ditas aqui.

Pessoalmente não as tenho, mas acredito que haja Srs. Deputados dos vários grupos parlamentares que, eventualmente, querem dizer algo, não somente sobre as eleições, mas também sobre o ano de governação deste governo que está legitimamente no poder e que completou ontem um ano do seu mandato.

Portanto, não seria, do meu ponto de vista, como dizia muito judicioso que tivéssemos a socorrermos apenas dos aspectos formais e normais, porque também temos uma certa tradição, como dizia o Sr. Deputado Idalécio.

O Sr. **Presidente**: — Antes de passar a palavra ao deputado seguinte queria dizer que não me teria enganado. Realmente estou a trabalhar com a ordem do dia que vem inscrita neste boletim...

**Vozes**: — Que está na convocatória.

O Sr. **Presidente**: — Portanto, penitencio-me se realmente não segui como vem na convocatória. Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves para uma intervenção.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, estou um tanto ou quanto perplexo quando se diz que a Mesa não foi comunicada.

A conferência de líderes que organiza a ordem do dia para a plenária é representada pelos líderes parlamentares e quando se toma a decisão de haver declaração política já está previamente anunciada. Quem fará estas declarações são os líderes parlamentares que estão a representar o grupo na conferência. Ao fixar esta ordem do dia para o Plenário, obviamente, já está a anunciar a Mesa da Assembleia, que também faz parte e preside a conferência, que haverá declarações políticas.

Ao menos que me provem o contrário.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Albertino Bragança para uma intervenção.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD). — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, baseio-me na argumentação trazida aqui a Assembleia pelo Sr. Deputado Alcino Pinto.

Estranhamente parece haver um finca-pé para não se abordarem as questões ligadas as eleições e também a questão de um ano de governação do actual governo. Penso que o País está a espera que a Assembleia se pronuncie acerca disso.

Houve questões durante a fase eleitoral que necessitam de ser abordadas e por isso mesmo não se compreende que esta Casa parlamentar, onde as ideias devem fluir e onde o debate se deve fazer entrave essa possibilidade e não dê vazão àquilo que é a expectativa dos cidadãos, relativamente aos actos que acabamos de praticar, sobretudo o acto eleitoral.

Daí que aconselho que ultrapassemos este finca-pé e possamos então ouvir os Srs. Deputados, ou os líderes parlamentares, que se queiram pronunciar à respeito.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Idalécio Quaresma para uma intervenção.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, não quero dar resposta, creio que não estamos aqui a fazer finca-pé de dizer uma coisa ou outra.

Creio que o meu grupo parlamentar está pura e simplesmente a defender um regulamento que está escrito. A nossa defesa só vai nesse sentido! Se arranjarmos outro espaço para se fazer a discussão de um ano de governação, ou sobre o que foram os resultados das eleições estamos abertos a qualquer momento.

Não estamos a dizer que temos algum preconceito, pelo contrário! Só estamos a dizer que queremos cingir ao que está escrito no regulamento. Se, porventura, houver alterações, como dizia atrás, é propormos alterações e acho que este não é o momento próprio para se propor alguma alteração.

O Sr. **Presidente**: — Na conferência de facto previmos que nesta reunião poderia ter, no âmbito do período de antes da ordem do dia, declarações políticas.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sim senhor!

O Sr. **Presidente**: — Mas, todavia, como diz o artigo 85.º, nenhum grupo parlamentar disse que ia fazer a declaração, nem o do ADI, nem do PCD e também do MLSTP/PSD que participou através do representante do seu líder.

Nenhum desses grupos precisamente especificou que iria fazer a declaração e a Mesa esperou pelo cumprimento daquele artigo, que diz «os grupos parlamentares que queiram usar do direito consignado no número anterior...», portanto, a Mesa abriu a possibilidade, mas ficou a espera desta comunicação deste ou daquele grupo no sentido de as anunciar e isto não foi feito.

Quer dizer que a plenária é soberana.

Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves para uma intervenção.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, não gostaria de estar num debate sobre se vai-se fazer a declaração ou não.

Mas acho que está a ficar claro para a opinião pública, quem está a seguir esta sessão, que há uma cobardia, um medo, um receio...

*Protestos do ADI.*

... os senhores podem pedir a palavra e contestar se quiserem! Estou a dizer de forma muito clara e repito, para quem está fora a ouvir isso só pode ter uma noção: há um receio, há algo que não querem que o povo saiba e não querem que se façam declarações políticas. Pela primeira vez nesta Casa parlamentar, vinte anos de democracia, a conferência organiza uma ordem do dia...

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — E há declarações!

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — ... há declarações, a conferência é representada pelos grupos parlamentares, não houve um grupo se quer que disse que não tinha declaração. Ao fixar está a anunciar previamente a Mesa que haverá. Isto é óbvio! E disse aqui o Sr. Presidente que de facto, repito, disse aqui o Sr. Presidente que de facto na conferência ficou decidido que haveria declarações políticas.

Quem decidiu isso é a conferência que o senhor preside e os líderes parlamentares e não houve nenhum grupo parlamentar que teria dito na altura que não iria fazê-lo. Logo todos os grupos estão previamente informados que vão fazer. Se um abster é normal, mas nunca coarctar a possibilidade de nenhum grupo fazer a sua declaração política, muito menos ouvir os deputados também.

Porque quando se fala de assuntos relevantes vêm-me dizer que tem que se fazer a inscrição durante o período, quatro meses, e um quatro meses que não houve sessões sequer!? Quer dizer, se tivesse inscrito que queria falar, como haveria a possibilidade de falar? Esperava para hoje? É preciso haver, realmente, bom senso.

Ninguém está aqui para insistir nisso, mas quero lhe dizer, para o bem da democracia, o senhor que costuma a ser um homem com algum equilíbrio, faça agora este equilíbrio.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Cecílio Quaresma para uma intervenção.

O Sr. **Cecílio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, acho que estamos a iniciar e a terminar mal a sessão. Se vamos ver o artigo 85.º, o ponto n.º 2, está claro, é português! É uma questão de interpretação.

Agora, o que nós não poderemos de forma nenhuma sujeitar é essa forma como o Sr. Deputado Delfim Neves tenta pôr os problemas. Aqui ninguém, de forma nenhuma, tem medo de ninguém!

*Murmúrios e protestos do PCD e MLSTP/PSD.*

Ou somos deputados ou somos crianças. Quem vai ter medo que o Sr. Delfim Neves quer falar para São Tomé e Príncipe, ninguém! Inclusive o Sr. Delfim Neves é um cidadão nacional, é um Deputado eleito igual a todos que estão cá. Agora, na verdade se houve uma falha, não se fez a inscrição, deve haver um meio-termo para resolver os problemas, mas não com essa forma de ser e estar do Sr. Delfim Neves, por favor!

Temos que respeitar cada um de nós e, ao mesmo tempo, trazer a simpatia para resolver um problema. Isso não é a melhor forma. Cobarde porquê e para quem? Se é um problema da nação, se o queremos discutir para resolver o problema de São Tomé onde é que está a cobardia? Acho que isso não tem lugar de ser e estar. Temos que ser um pouco mais educados nessas coisas todas.

Inclusive sempre disse aqui que devemos ser são-tomenses e trabalhar de mãos dadas. Porque na verdade não sei se haverá algo que o Sr. Delfim Neves vai dizer que não sabemos, e estamos preparados para isso! Aqui não tem mais crianças! É o que dissemos sempre. O tempo de paz acabou, ou vamos

trabalhar, ou não vamos trabalhar! Se quiser que vamos discutir, discutiremos. O que é que há, o senhor acha que é mais político que toda gente!? Não, não pode ser assim!

*Protestos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Não, acho que devemos ser um pouco mais calmos para resolvermos o problema. Pelo amor de Deus!

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Direito de resposta.

O Sr. **Presidente**: — Se faz favor, tem a palavra.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Vou usar esse direito de resposta apenas para dizer duas coisas: primeira, que não personalize a questão. Sou suficientemente educado e não recebo lições de nenhum deputado sobre esta matéria.

Número dois, quando falei em «cobardia» não aponte o dedo a ninguém! Se alguém sentiu-se mal é porque, efectivamente, estou no caminho da razão! Não aponte dedo a ninguém nem aos grupos parlamentares. Estamos numa discussão e vamos chegar ao bom senso, que apelei aqui.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Arlindo Barbosa para uma intervenção.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MSLTP/PSD): — Sr. Presidente, tive a oportunidade de participar nesta conferência de líderes que foi realizada na sexta-feira em representação do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD. Logo que se iniciou a conferência um dos primeiros problemas que havia era se haveria a sessão na segunda-feira ou não para o encerramento.

E um dos argumentos, sobretudo, que lá defendi foi que tínhamos que ter essa sessão para dar a oportunidade, neste fecho desta sessão legislativa, de haver intervenção, das quais faziam parte também as declarações políticas. Penso que ao nível do PCD tinha-se já anunciado a questão da declaração política naquela conferência.

Aqui já se disse, acho que não vamos entrar em discussões, que deve haver de facto bom senso, porque não há declarações políticas sem haver períodos prévios de antes da ordem do dia e isso está agendado.

Há o período prévio de antes da ordem do dia e se não houver declarações políticas porque não se anunciou na Mesa previamente, porque da forma também que o Sr. Presidente iniciou esta sessão alterou algumas questões, mas deve no mínimo ter intervenções dos deputados. Acho que se deve apelar pelo bom senso para que avancemos. Hoje é o término da sessão para que a gente não dê essa má imagem externa do nosso parlamento.

Parece-me ter ouvido também a falar de alteração, não se altera nada, porque o período de antes da ordem do dia está na convocatória. Mas se ouvi mal as declarações do ADI peço desculpas.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Albertino Bragança para uma intervenção.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD). — Sr. Presidente, estou cá já há alguns anos, pelo menos já há dois anos, para não dizer vinte.

*Risos.*

Portanto, quero recordar aqui ao Plenário da Assembleia que, geralmente, quando há declarações políticas, o Presidente declara aberta a sessão, há o empossamento dos Deputados e depois entra-se no período das declarações...!

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Foi sempre assim!

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD). — Foi sempre assim! O grupo menos votado começa a falar e depois, posteriormente, os outros. De maneira que, falei há pouco de um certo afinco em evitar declarações, porque esta é a norma da Assembleia, foi sempre! Isso nunca foi antecedido em saber se houve inscrições individuais dos líderes ou não, mas as declarações estão previstas na ordem do dia e elas são feitas, começando pelo grupo menos votado ao mais votado. Foi sempre assim!

Queria recordar-lhe isso e chamar a sua ponderação.

O Sr. **Presidente**: — Também sou um veterano parlamentar e, daquilo que o Sr. Deputado Albertino Bragança citou, também estou a recordar que há intervenções políticas nas reuniões de abertura das sessões. Tradicionalmente é isso que tem acontecido. Que me lembre, no momento do encerramento não costuma haver este cerimonial.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Ai é? Que me recorde sempre houve!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Alcino Pinto para uma intervenção.

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, acho que temos que ser mais produtivos e essa dificuldade que estamos tendo de nos acertar é o reflexo talvez de qualquer coisa, menos de nossa capacidade efectiva de melhorar os nossos trabalhos.

Sr. Presidente, voltando ao Regimento, ele obriga apenas – se quisermos apenas atermos à ele, a que as declarações política sejam anunciadas, mas também obriga a que o ponto de antes da ordem do dia tenha pelo menos a duração de 60 minutos e que eles sejam distribuídos de acordo com a proporcionalidade aqui distribuída.

O que gostaria de propor, Sr. Presidente, é que ativésemos a este ponto do nosso Regimento, fizéssemos a distribuição e deixássemos os Srs. Deputados falarem, não em termos de declarações políticas. Porque não tenho, e nem é a nossa prática, de que para as questões relevantes haja uma inscrição que começa com o início da legislatura e termina com a sessão. Quer dizer, não há esta prática e nunca houve. Daí que gostaria de propor isto, que houvesse essa distribuição de tempo...

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Mas já está distribuído!

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Já está distribuído, sim senhor, e que deixasse os Srs. Deputados fazerem as suas intervenções e não as declarações políticas.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré para uma intervenção.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, Caros Deputados, peço a palavra para mais uma vez dizer, como Deputado sem muita experiência, novo nesta Casa parlamentar, que em várias reuniões constato que violamos sempre o Regimento.

E eu próprio como Deputado em várias reuniões alertei para que nesta Casa não se deva violar as normas que regem a própria Assembleia, a própria sessão. Pedimos aos cidadãos para cumprir a lei e nós nesta Casa parlamentar variadíssimas vezes estamos a violar o próprio Regimento.

É isto que está em causa, não é uma questão de bom senso! Quando pedimos aos cidadãos são-tomenses para cumprir leis porquê que nós que somos Deputados não as cumprimos? É essa a questão. Não é uma questão de bom senso, nem de finca-pé, é apenas cumprirmos o Regimento. Apenas isso! Há formas de se alterar. Se cada grupo parlamentar achar que algo está mal há mecanismos próprios para alterar o Regimento.

Gostaria também, não poderia, obviamente, ficar calado depois de aquilo que ouvi e se as pessoas interpretarem que isso serviu para mim não há problemas. Mas eu não sou covarde e nem me vejo nessa situação. Aquilo foi dito para esta Casa parlamentar. Obviamente, devido a essa discussão, é que veio essa expressão. Já que não se citou nomes, também não vou citá-los. Mas covarde, penso eu, são os deputados – não vou citar nomes, que perante a nação e nos órgãos de comunicação social dizem ao povo que não fogem a justiça e que estão prontos para ir a justiça, e quando é o momento da justiça chamar esses cidadãos eles fogem atrás de imunidades parlamentares. O povo sabe que isso sim é que é covardia atrás de imunidades parlamentares!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Albertino Bragança para uma intervenção.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Sr. Presidente, acabei de ouvir o Sr. Deputado Levy numa intervenção extremamente contraditória.

Primeiro diz que devemos cumprir a lei, quando a lei diz que o Deputado não deve ir a justiça de qualquer maneira – é a lei que estabelece, diz que o Deputado refugia-se na lei. Isso é extremamente contraditório!

*Risos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Espero que o Sr. Deputado Levy, não desejo para si nem para outro qualquer deputado, mas no dia em que vier a estar implicado em qualquer acto em que a lei determine que o senhor deva ir, vá de livre e espontânea vontade. O deputado não vai responder à justiça da sua livre vontade. Quando há qualquer caso o deputado é chamado à 1.ª Comissão, ela analisa a questão e depois aconselha a Assembleia Nacional a tomar uma posição.

Lembro-me que era Presidente da 1.ª Comissão na altura, reuníamos e tomávamos uma posição, aconselhávamos a Mesa da Assembleia que o Sr. Deputado devia ir munido das respectivas imunidades parlamentares. Isso não é refugiar, isso é cumprir a lei, do qual o senhor parece ser um defensor. Não empreguemos palavras que não se coadunem com a defesa que a lei faz aos deputados e a Assembleia deve obedecer à essas leis.

É isso que queria dizer.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Direito de resposta.

O Sr. **Presidente**: — É a última intervenção, porque temos que avançar, já estamos a cair noutra tipo de discussão, que não é o caso.

Se faz favor, tem a palavra.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Deputado veterano, a quem tenho alguma estima...

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Muito obrigado.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Dizer-lhe que se fui incoerente também está sendo. Porque se no caso para defender um deputado, que a justiça chamou, cumpriu-se a lei, penso eu, que aqui também deve-se cumprir a lei. Logo, não é uma questão de bom senso, é cumprir a lei.

*Murmúrios do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Bem, há uma sugestão no sentido de avançarmos, a última até do Sr. Deputado Alcino Pinto, que está, novamente, a pedir a palavra, e permitir, durante o tempo previsto na convocatória, que fosse permitido a cada um dos Srs. Deputados a levantarem os seus problemas relativamente à governação e as últimas eleições que acabamos de concluir no dia sete do corrente mês.

Portanto, gostaria que a plenária tomasse uma posição sobre isso.

Tem a palavra o Sr. Deputado Alcino Pinto para uma intervenção

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, não há necessidade do Plenário se pronunciar, porque as normas estão aqui estabelecidas.

O que Sr. Presidente tem que fazer, aliás já está feito, é distribuir os 60 minutos. Já perdemos grande parte deste tempo por tudo que fizemos aqui antes da ordem do dia. Os 60 minutos são distribuídos e há inscrições, diz o Regimento que nenhum deputado pode ser inscrito mais de uma vez, respeitemos isso apenas!

Só isso é que estou a recordar.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Idalécio Quaresma para uma intervenção.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, creio que devemos cingir pura e simplesmente no que está no artigo 83.º, que no ponto quatro diz, «compete ao Presidente, ouvido a conferência, a organização do período de antes da ordem do dia...», essa organização não foi feita e não é agora que vamos fazer, «... nos termos do n.º 2 da qual pode abranger os períodos de antes da ordem do dia de mais de uma reunião plenária».

O Sr. **Hélder Paquete** (ADI): — É na conferência de líderes isso se faz...!

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — É na conferência de líderes que devemos determinar e organizar esse período...!

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — E não foi organizado!

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — E não foi organizado! Esse período não foi organizado.

*Murmúrios e protestos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Mas é isso que está cá no boletim! Agendou-se e está cá no boletim.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Meus Srs. Deputados, temos: alínea *a*), a leitura dos anúncios; alínea *b*), as declarações políticas; alínea *c*), tratamento pelos deputados dos assuntos de interesse relevante; alínea *d*), a emissão de votos de condolências. A única questão que metemos aqui no período de antes da ordem do dia, foi a declaração política...!

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Quer dizer que foi previamente informado!

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Foi previamente informado...

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Mas tem regras próprias!

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Mas há regras próprias, Srs. Deputados! O artigo 85.º vem dizer como é que devem ser feitas, é pura e simplesmente isso.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Vocês querem violar o Regimento!

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Exactamente!

*Protestos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Hélder Paquete para uma intervenção.

O Sr. **Hélder Paquete** (ADI): — Sr. Presidente, também sou novato nesta Casa, mas o que temos constatado é que, constantemente, há violações com relação àquilo que está escrito. Há os mais antigos, sim senhora, mas conviveram com uma situação de violação. A impressão que a população tem dos Deputados é que aqui não há uma coerência naquilo que se diz. Quer dizer que temos que qualificar a nossa Casa parlamentar. Hoje viemos para discutir uma situação, está tudo bem escrito, então porquê que vamos altera?

A Sra. **Filomena d'Alva** (MLSTP/PSD): — Mas já está escrito no período de antes da ordem do dia, não se vai alterar nada!

O Sr. **Hélder Paquete** (ADI): — Quer dizer, temos que começar a dar exemplos a partir da Casa parlamentar. Porque constantemente são violadas as leis, então como é que vamos pedir aos outros que a cumpram!?

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Alcino Pinto

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, peço desculpas imensas por estar a insistir, porque não se trata de violação nenhuma!..

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Ai está!

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — E estamos a enviar muito mau sinal a partir de aqui, não se trata de violação nenhuma! Temos um Regimento que diz que há um período de antes da ordem do dia e a conferência de líderes, presidida por si, Sr. Presidente...

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Que fixou...!

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — ... organizou e distribuiu os tempos. O que estamos a pedir, nós do MLSTP/PSD, é que nos dêem apenas os nossos 22 minutos! Só isso, Sr. Presidente, estamos a pedir os nossos 22 minutos que a conferência de líderes organizou, e está no regimento. Portanto, não se trata de violação nenhuma!

Relativamente as declarações políticas, diz o Regimento de facto, se quisermos começar a partir de hoje a inovar, respeitando, escrupulosamente, o que está no Regimento, o que proponho a si, Sr. Presidente, e aos caros líderes parlamentares é que não façam as declarações políticas, porque eventualmente, não foi comunicado, então não há declarações políticas. Mas se quiser falar das questões que estão nas declarações políticas distribuíamos por nós, cada um tem direito a uma intervenção e faremos a declaração política distribuída por todos os deputados que estão aqui.

*Murmúrios.*

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, vamos avançar. O tempo está distribuído, o ADI tem 27 minutos, o MLSTP/PSD tem 22, o PCD oito e o MDFM-PL tem três; ao todo são 60 minutos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré para uma intervenção.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, apenas porque os nossos concidadãos estão a escutar-nos neste momento, para não ficar com a ideia, como se quis passar, de que não há violação nenhuma vou ler o Regimento. Há violação sim senhor, se insistirmos nisso estamos a violar o Regimento!

Diz o artigo 85.º, n.º 2, e vou lê-lo, «os grupos parlamentares que queiram usar do direito consignado no número anterior devem comunicá-lo à Mesa até ao início da respectiva reunião...», até ao início! E quando iniciou nenhum grupo havia comunicado. Por isso, se insistirmos nisso é bom que fique claro que estamos a violar o Regimento.

Depois, isso tem que ser conjugado com o artigo 83.º, que já foi aqui dito e lido. Logo, estamos a insistir na violação sim do Regimento. É bom que isso fique claro!

*Protestos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Há violação, porque na convocatória só está afixada a declaração política.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — É isso!

O Sr. **Presidente**: — Não está afixada assuntos de interesse relevantes...

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Nunca se pôs, Sr. Presidente, nunca se pôs...!

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — É o que está aqui no Regimento e queremos é cingir àquilo que está aqui!...

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, dê tempo para as pessoas para começarmos...

O Sr. **Presidente**: — Entretanto, o que é que a plenária decide? Se abirmos a inscrição estamos a trocar declarações políticas com assuntos relevantes...

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Não, não, se não há declarações políticas, não há mais nada! A única que está agendada é declaração política!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves para uma intervenção.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, estou cada vez a ficar, se calhar, mais e mais burro nisto. Porque nunca vi numa Assembleia, em nenhuma paragem, em que o período prévio de antes da ordem do dia é anunciada à Mesa o que a pessoa vai dizer! Nunca vi cá, e nem está no Regimento, que quando se trata de pedido de palavra para questões relevantes que esteja previamente informada à Mesa.

Portanto, estamos no período de antes da ordem do dia que abrange duas questões: declarações políticas e intervenção de qualquer deputado...

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Duas não, quatro!

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Nenhum deputado está coarctado de falar, durante uma sessão plenária, porque o seu grupo parlamentar fez uma declaração política!? Nada disso! Estamos a inverter a questão.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Idalécio Quaresma para uma intervenção.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, digo o seguinte: creio que devemos voltar um pouco atrás e ir para o artigo 82.º, «em cada reunião plenária há um período designado de antes da ordem do dia e outro designado ordem do dia, salvo quando a Assembleia ou a conferência delibere (...)». E quando vamos para o período de antes da ordem do dia dividimos em quatro, alíneas a), b), c) e d). E para esta reunião só agendamos a alínea b), que é «declaração política»...

*Protestos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — A declaração política foi fixada...!

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Está fixada. Então, tínhamos que apresentar, cumprindo o que vem estatuído no ponto dois do artigo 85.º.

A grande questão que vejo aqui é a seguinte: muitas vezes, e tem sido norma aqui nesta Casa parlamentar, aprovamos as leis que muitas vezes não sabemos o que é que estamos a aprovar. Porque se desde a altura quando fizemos a alteração ao Regimento tivéssemos tido em conta esta situação, há muito tempo que teríamos visto isso. Aqui estamos a deixar as coisas passarem e é por isso, e hoje chegou-se ao ponto de que na realidade não temos cumprido aquilo que está estatuído. E é o que está aí! Não está agendado o tratamento de assuntos de interesse relevante!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves para uma intervenção.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Líder parlamentar do ADI, com muito respeito que tenho por si, já trabalhamos nisso há muito tempo, mas penso que, tanto o senhor como eu, quando participa na conferência não traz elementos de todos os Srs. Deputados para saber se eles vão ou não intervir sobre uma questão relevante do País.

Logo, é difícil, é quase impossível estar a fixar a ordem do dia a pensar aquilo que vem na cabeça de cada um dos Srs. Deputados! Portanto, em qualquer paragem todos os deputados têm o direito a palavra, independentemente da declaração política de cada grupo.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Idalécio Quaresma para intervir.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, faço recordar o ponto 5: «a inscrição dos deputados para uso da palavra no período de antes da ordem do dia pode ser efectuada pelas direcções dos grupos parlamentares». Portanto, quer dizer, isso como forma de organizarmos os nossos trabalhos.

Ainda recordando o Presidente Silva, sempre debateu sobre esta questão, porque muitas vezes trazíamos assuntos relevantes e perguntava «o que são assuntos relevantes?!». Portanto, devemo-nos cingir naquilo que aprovamos!

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — O senhor disse bem, «pode ser», mas não é uma obrigação!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Alcino Pinto para uma intervenção.

O Sr. **Alcino Pinto** (MLSTP/PSD): — Caros colegas, faço uma vez mais o apelo e, cumprindo a sua posição, Sr. Presidente, com tantas intervenções que parecem contraditórias, o senhor tenha de facto alguma dificuldade em encontrar o consenso para sairmos disso.

Mas gostaria apenas de recordar o seguinte: quando o meu caro colega Levy insistia na violação ele teve o cuidado de referir-se sobre a questão das declarações políticas. Eu disse, meus caros, se quisermos atermos, rigorosa e escrupulosamente, ao Regimento hoje não há declaração política e daqui para o futuro temos que anunciar até ao início da sessão, como ele diz, as declarações políticas para que sejam lidas pelos líderes, ou pelos seus representantes.

Ora, como também diz o meu colega Idalécio, líder parlamentar, o período de antes da ordem do dia abrange outros pontos e estamos num parlamento onde se discute a política *latosensu*. E política *latosensu* tem a ver com o quotidiano dos cidadãos da república. Daí que não temos a tradição, e aqui faço um apelo para os nossos registos, para os nossos arquivos, de que na nossa ordem do dia corrente e normal esteja agendada questões de ordem relevante, para permitir, ou seja, para inviabilizar as intervenções dos Srs. Deputados.

Estava aqui comentando, desculpa-me Sr. Ministro, vou citá-lo, enquanto deputado foi um dos mais intervenientes para as questões de antes da ordem do dia e nunca tínhamos isso agendado, porque não é possível! Ao sairmos das nossas casas para vir para a sessão parlamentar podem acontecer questões de relevantes da nação que temos que colocar no parlamento.

Portanto, o que estou a pedir, Sr. Presidente, não só si, mas também aos caros colegas, é que relativamente às questões de interesse nacional, se quisermos respeitar a redacção do Regimento, respeitemos apenas o que ele está a dizer. O período de antes da ordem do dia tem 60 minutos, dentro desses 60 minutos pode-se fazer declarações políticas, elas devem ter no máximo dez minutos, devem ser anunciadas e não o foram, se quisermos, não participei na conferência de líderes, não sou líder, portanto, não sei como é que se discutiu isso.

Então, respeitando a partir de hoje o cumprimento rigoroso e escrupuloso daquilo que define o Regimento, as declarações políticas são anunciadas. Mas relativamente às outras questões, que temos uma prática e não está aqui regulado que temos que anunciar, diz «pode ser» e não «deve ser».

O que tenho a dizer pode estar em contradição, suponhamos, com o meu líder parlamentar e não queira dizê-lo – vamos a supor isso, vou até esse extremo, que tenho um assunto que não quero anunciar ao meu líder parlamentar, ele não pode fazer a minha inscrição, faço-a aqui directamente. Posso estar em desacordo com uma questão do meu grupo parlamentar e não quero anunciá-la e posso e devo expô-la aqui directamente na Assembleia. Por isso, temos que ter essa latitude.

É este apelo que faço a si, Sr. Presidente. A plenária não é chamada a pronunciar sobre isso, o Regimento está claro!

O Sr. **Presidente**: — Vamos alterar a ordem do dia!?

*Murmúrios e protestos.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sra. Deputada Maria das Neves para uma intervenção.

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, antes de mais gostaria de saudá-los.

E dizer, Sr. Presidente, que acho que estamos no fim de uma sessão legislativa e devíamos encontrar consensos para ultrapassarmos esse problema. Colocar a partir de hoje uma tábua rasa em relação a essas coisas e na próxima sessão legislativa sermos rigorosos, repito, sermos rigorosos no cumprimento da lei!

Porque se formos a analisar a nossa situação, sobretudo nesta sessão plenária, constataremos através do Regimento que violamos muitas coisas. Portanto, a convocação dessa plenária não obedeceu o Regimento, convocou-se na sexta-feira para hoje. Aqui o Regimento, de acordo com o artigo 63.º, diz que as convocatórias ao Plenário e das comissões são obrigatoriamente feitas por escrito e de modo a que o deputado tome efectivo conhecimento com antecedência mínima de 48 horas; respeitamos? Não respeitamos!

O artigo 66.º diz, fixação da ordem do dia, «a ordem do dia é fixada pelo Presidente nos primeiros quinze dias de cada mês para o mês seguinte de acordo com as prioridades definidas no Regimento»; nós cumprimos? Não cumprimos! Temos estado a violar muitas coisas. Está agendado aqui no período de antes da ordem do dia as declarações políticas.

Portanto, vamos hoje, é o último dia, os dados históricos relevam que já fizemos declarações políticas, se estamos a violar então vamos pôr uma tábua rasa a partir de hoje e na próxima sessão legislativa começarmos a respeitar o Regimento, porque estamos a violá-lo.

O Sr. **Hélder Paquete** (ADI): — Aí está...!

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Daí, Sr. Presidente, pedia bom senso, porque estamos no fim de uma sessão legislativa, para que se desse palavra aos deputados, que aqui nem estaremos a violar porque está agendado. Foi agendado o período de antes da ordem do dia, foram agendadas as declarações políticas.

Portanto, Sras. e Srs. Deputados, vamos a partir da próxima sessão legislativa respeitarmos o Regimento, fazermos um esforço. Acho que temos também que começar a ter algumas sessões mesmo para interpretarmos o Regimento que temos. Porque há muita gente que nem sabem o que temos no Regimento, temos muitos deputados novos. Começemos a ter sessões aqui de leitura e análise...

O Sr. **Hélder Paquete** (ADI): — Muito bem!

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — ... para conseguirmos apreender bem do Regimento que temos e evitarmos de facto que hajam violações.

Por isso, Sr. Presidente, o senhor é um homem de bom senso, peço-lhe que ultrapassemos isso, porque já perdemos muito tempo. Como dizem os ingleses «*time is Money*».

**Vozes:** — Oh!

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Vamos ganhar tempo.

O Sr. **Presidente:** — Então, pelo bom senso vamos permitir que cada grupo parlamentar faça uma declaração, embora não tenha previamente anunciado a Mesa da Assembleia.

*Murmúrios do ADI.*

Seguindo, minimamente, o que está programado na ordem da convocatória, o bom senso é tolerar a falta do aviso prévio de cada grupo parlamentar e fazer a declaração política e avançarmos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré para uma intervenção.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, ouvi atentamente a intervenção da Sra. Deputada Maria das Neves e, obviamente, podemos dizer e provar que desde o início as nossas intervenções não é por covardia, do povo saber e ouvir aquilo que se passa. Mas apenas é uma questão de coerência...!

A Sra. **Filomena d'Alva** (MLSTP/PSD): — Credo, homem...!

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — E ao companheiro Deputado Alcino Pinto...

O Sr. **Presidente:** — Companheiro não, colega!

*Risos e murmúrios.*

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Colega, desculpa Sr. Deputado.

É bom termos essas discussões porque vamos evoluindo e aprendendo. Mas sempre ouvimos dizer nesta Casa que se vem fazendo assim e o facto de fazer-se sempre assim não significa que é bem feito.

Por isso, temos que de uma vez por todas nos corrigirmos quanto a isso. Pode-se fazer muitas vezes assim, mas mal feito!

Dizer também que o nosso sistema jurídico a norma consuetudinária não prevalece sobre o direito positivo. O que quero com isso dizer? Que o costume não prevalece sobre aquilo que está escrito! Da forma como muitas intervenções foram ditas, assim tem sido prática e parece que essa prática sobrepõe ao direito

positivo. Há países que sim, mas no nosso caso o direito positivo, aquilo que está escrito, prevalece sobre as normas consuetudinária.

Logo, para dizer que é boa a sugestão da Sra. Deputada e temos todos que começar a estudar o Regimento e a propor alterações ao mesmo. Isso é fundamental! Porque houve várias intervenções aqui nas reuniões anteriores que vimos que estávamos, constantemente, a violar o Regimento. Isso não é bom para a população são-tomense que nos escuta, sabendo que somos deputados e estamos constantemente a violar a lei.

Por isso mais uma vez faço um apelo urgente para resolvermos algumas incongruências que tem o Regimento. Não é a primeira vez que falamos disso aqui e, doravante, começarmos a cumprir de facto aqui que vem regimentado.

O Sr. **Presidente**: — De facto há necessidade de fazermos uma revisão do nosso Regimento. Porque há muitas regras aqui fixadas que, vendo bem, são regras de um parlamento que funciona a tempo inteiro, e o nosso não funciona a tempo inteiro, infelizmente.

Temos vindo a procurar que isto aconteça, lembro-me bem que na última legislatura fizemos um *esforcing*, mas não chegamos a essa meta. Porque há muitos comandos aqui neste Regimento que para serem cumpridos a Assembleia tem que funcionar diariamente, com todos os deputados a trabalharem exclusivamente na Assembleia.

Portanto, também associo as vozes que dizem que temos que fazer um esforço. Fizemos isto na última legislatura, mas ainda temos que prosseguir com a revisão desse texto regimental no sentido de adequarmos às nossas realidades.

Posto isso, vamos avançar. Pedimos que cada grupo parlamentar que queira fazer a intervenção pode inscrever...

*Murmúrios do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Grupos parlamentares e não os Deputados...

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Quando diz «grupos parlamentares» estamos a referir às declarações políticas!?

O Sr. **Presidente**: — Sim, para ferirmos menos a convocatória.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Muito bem, venceu a democracia!

O Sr. **Presidente**: — Vamos logo passar a palavra ao Sr. Líder parlamentar do PCD, o Sr. Deputado Delfim Neves.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, gostaria antes de mais de agradecer a sua forma sábia de ter resolvido esse problema, cumprimentar o Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares e os Srs. Deputados.

Estamos hoje a encerrar um período, na minha opinião e na do meu grupo parlamentar, inexistente. Porque devia-se encerrar uma sessão que fosse de trabalho, mas estamos a encerrar uma sessão que foi de férias. Estamos a abrir outra sessão de férias, quando vimos de férias! Quatro meses sem fazer absolutamente nada!

Curiosamente houve eleição presidencial e cinco Deputados integravam a lista dos concorrentes, mas ainda sobravam 50 que podiam, efectivamente, ter a Assembleia a funcionar. Mas porque nós estávamos todos envolvidos – digo nós porque nós os Deputados – nesse processo, com maior referência ao seu caso enquanto Presidente da Assembleia...

*Murmúrios do ADI.*

... e não fizemos absolutamente nada! Estamos a encerrar um período de férias para entramos de novo de férias.

Mas o mais curioso também é que todo o aparelho do Estado esteve parado quatro meses; ninguém funcionou, tudo de férias, ministros na campanha, responsáveis da administração central do Estado virados para a campanha e, terminado esse período de campanha e das eleições, esperava-se, naturalmente, que houvesse um apelo ao trabalho.

E esse apelo ao trabalho deve ser feito por todos os responsáveis políticos, desde o Presidente da República, a Assembleia Nacional, o Primeiro-Ministro, sobretudo, que tem a acção governativa. Mas o apelo que ouvi é para todos os são-tomenses irem de novo de férias...!

*Murmúrios e protestos do ADI.*

Porque não pode ser aceitável, depois de uma paragem num país pobre, que sobrevive de braços estendidos, terminado esse período das eleições, recebi através da Mesa da Assembleia uma nota do Gabinete do Primeiro-Ministro informando que vai viajar, em visita privada para os Estado Unidos, no dia nove com o regresso previsto para o dia 30 de Agosto.

Portanto, e atrás dele, também se a gente estiver no aeroporto, vê alguns ministros fazer as suas férias, se calhar. Acho que devíamos arranjar aviões para todos os são-tomenses irem de férias e depois retomarmos no próximo ano!

Outra questão que devo aqui anunciar, Sr. Presidente, e neste caso elogiar a forma tão sabia, tão educada e com um sentido de responsabilidade da população são-tomense em geral e, em particular, a população eleitora, que souberam ser e estar nessa eleição. E nelas devemos tirar algumas ilações, temos que, efectivamente, reflectir sobre os resultados dessa eleição, desde o processo de selecção, a campanha em si e a eleição como ponto final. Ao nosso ver, essa eleição veio ditar e esclarecer algumas questões: que a verdade ganhou a mentira; que a justiça ganhou a perseguição; que a humildade ganhou a arrogância; e a tolerância ganhou o ódio; em suma, o sentido patriótico ganhou esta eleição.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Daí que, em nome do meu grupo parlamentar e do partido que nos tem cá, e em meu próprio, saudar o presidente eleito e fazer um apelo para que ele, enquanto o mais alto órgão da nação, trabalhe para que haja entendimento entre os órgãos de soberania, entre todos os fazedores da política e em todos os sectores da vida nacional. Só assim poderemos levar o nosso país ao bom porto.

Sr. Presidente, estamos a encerrar um período, que já disse que foi de férias, mas vamos entrar de novo de férias, vi também na ordem do dia que será aprovada uma resolução para eventuais trabalhos neste período. Mas, associado a isso, é necessário legislarmos, urgentemente, no âmbito das leis eleitorais do País e, mais além, a Constituição da República, que está largamente ultrapassada a sua revisão.

Acho que a própria Mesa da Assembleia devia tomar a iniciativa para resolver algumas situações dúbias e omissas que existem no nosso processo eleitoral. Há muitas questões a serem revistas!

Sr. Presidente, já que estamos em Plenário, ouvimos através das antenas da comunicação social, o balanço que o Governo faz de um ano de exercício. Queríamos de propor que esse balanço seja, se calhar, feito no Plenário para fazermos uma comparação relativa com o Programa do Governo e o Orçamento Geral do Estado. Mais, algumas questões que também requerem esclarecimento urgente, está cá o Sr. Ministro e gostaria que tomasse bem a nota: tivemos na eleição e, um governo que pauta sempre pelo combate da corrupção não pode nem deve deixar nenhum sinal que se possa entender como um acto, ou um indício de corrupção.

Daí que gostaria de saber se a famosa «Doca» foi vendida, alugada ou doada e se houve concurso para o efeito!? Gostaria de saber porque razão o Governo, enquanto responsável para arrecadar receitas, cometeu fraude fiscal!?!...

*Murmúrios do MLSTP/PSD e protestos do ADI.*

Estou na posse de um documento, em que houve uma importação de cerca de 40 000 chapas de zinco, valores doados pelo Estado japonês, o valor fiscal são 440 000 dólares e o Governo, através de um decreto – que tem erro, porque no preâmbulo do decreto, no corpo da lei, no artigo 1.º, diz «lei» e o Governo não está autorizado a alterar as leis, e se houve lapso este diploma é nulo, não devia ter sido aplicado – no entanto baixou o valor do produto para 10% do seu valor fiscal; de 440 000 dólares para 44 000!

**Vozes do MLSTP/PSD e do PCD:** — Credo, tudo isso!?

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — E já tinha um despacho feito com 440 000 dólares, manda-se anular através de uma carta para fazer com 44 000.

Mas grave do que isso não é baixar, porque o Estado está a fugir o fisco e se tivesse que pagá-lo também sairia do tesouro público, mas mais grave do que isso é depois de levantar essas mesmas chapas deram um destino que ninguém conhece. Porque se fossem vendidas a população ao preço de Dbs. 17.000,00, que ficou cada chapa já nesse despacho, tudo bem, não é o caso.

Essas chapas gostaríamos de saber qual é o destino!? Porque quando se inventa os impostos as alfândegas têm que saber qual é o destino do produto. Não se conhece o destino do produto, não há nenhuma chapa a vender para a população ao custo de Dbs. 20.000,00, nos armazéns do Estado também essas chapas não estão, gostaríamos de saber para onde foram essas chapas, com que o Estado são-tomense perdeu 400 000 dólares.

**Vozes:** — Um autêntico roubo...!

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — E também apelar aqui perante esta Assembleia...

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, já ultrapassaram os seus minutos...

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Mas ainda está dentro dos 10 minutos, faltam dois...!

O Sr. **Presidente**: — Só estou a chamar a atenção...!

*Murmúrios e protestos do MSLTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Portanto, quero aqui também apelar a partir desse palco para que haja justiça. Que a justiça seja feita à volta de algumas questões que alguns maus feitores usam para fazer a campanha! Começando pelo *STP Trading*, quero que isso fique de uma vez por todas esclarecido. A *STP Trading* não é empresa de Delfim Neves! É uma sociedade que comportam 14 sócios e Delfim Neves entrou na *STP Trading* para ajudar! E se há alguma questão que implica Delfim Neves como culpado que a justiça seja feita o mais urgente possível!

Para dizer aqui que um implicado da Assembleia Nacional, quando há uma questão da justiça que se tem que levantar a imunidade, ele não participa na conferência, nem nas comissões, nem na reunião da decisão. E se a Assembleia assim decidiu, decidiu bem e se decidisse ao contrário, também teria decidido bem.

Para ficar bem claro que ninguém está aqui a fugir a justiça, escondendo através de imunidades parlamentares! Não tenho medo nem tenho receios de nada e quero deixar aqui bem claro, não sou corrupto! Quem tiver alguma questão que acuse Delfim Neves que vá a justiça! Está aí provas, ele é corrupto; não sou! Tanto o disse da *STP Trading*, como também gostaria de saber os passeios e outras coisas mais...!

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado Delfim Neves, chegou ao fim o seu tempo de intervenção...!

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, desculpa, já estou farto desses argumentos baixos de campanha contra a minha pessoa!

Muito obrigado!

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado José Viegas.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares, Sras. e Srs. Deputados: Gostaria antes de mais daqui desta tribuna, em primeiro lugar, saudar o Presidente eleito e em segundo lugar saudar o elevado grau de civismo que o Povo de São Tomé e Príncipe revelou nessas últimas eleições.

Essa eleição para o qual o cargo do Presidente da República foi eleito um candidato, cidadão fundador da Nação são-tomense, lutador incansável para o bem-estar da nossa população, promotor da paz, unidade e solidariedade e que merece toda a nossa confiança na chefia do Estado. É o ponto marcante da nossa história contemporânea.

Após alguns meses de inactividade sem sessões plenárias, com ausência dos trabalhos das comissões especializadas, esta Casa Parlamentar, por razões de envolvimento dos seus membros na campanha eleitoral, originou uma paralisia singular deste órgão devido apetência para completar uma onda de vitória.

O eleitorado devidamente maduro, pôde travar essa fúria glutónica apesar da enxurrada de dinheiro distribuído e expandido nunca visto. A compra de consciência não ajuda os cidadãos a ter uma atitude cívica, permanente e responsável perante o País.

A Assembleia Nacional enquanto órgão de soberania deve ter uma atitude, nos próximos tempos, mais responsável que permita que no quadro das eleições tenhamos todos que ter uma atitude de maior pudor e que as decisões sejam tomadas a medida das responsabilidades de cada um dos cidadãos.

Embora o governo, cegamente, até ao último dia esteve numa campanha débil, sem ideias, maquiavélica, forjadora de ódio, incompetente e surda quanto aos sinais que a população anunciava, continuava, contudo, empolgadamente a desperdiçar meios financeiros, adulterando a ordem cívica e educadora, alicerçando valores de baixeza, lançando ódio e vingança entre os cidadãos.

Nunca, em eleição alguma, se viu tanta violência verbal contra um candidato como foi nesta segunda fase da eleição presidencial em São Tomé e Príncipe. Linguagem medieval, bacoca e fora do quadro urbano.

*Riso.*

Pedimos a nossa população, a todos os políticos, a juventude, as mulheres e os homens são-tomenses que vivem nesta terra para que tivéssemos todos atentos a questões essenciais do País, eliminando para sempre o que é acessório e o que permanentemente nos divide.

É preciso que esta atitude seja assumida para enfrentarmos os grandes desafios do desenvolvimento e por isso é preciso erradicar a pobreza e a ignorância. Do lado do governo não se nota sinais claros e inequívocos, no sentido de melhoria das condições de vida dos cidadãos. As ilegalidades e atropelos a lei continuam a galopar sobre a Nação são-tomense.

Sobre isso assumiremos o papel que nos cabe. Esperamos a intervenção dos diferentes organismos da nossa nação.

Quero deixar aqui registado e bem claro que o MLSTP/PSD através do seu Grupo Parlamentar fará o seu papel. É uma questão de tempo e infelizmente, estamos hoje a proceder, como já foi dito aqui, o encerramento de uma fase de trabalho que não existiu e compreendendo que é direito de cada um dos cidadãos, cumprindo o quadro legal de poder ser candidato, temos que reconhecer que a nosso nível sinto particularmente triste, porque essa participação não trouxe, do nosso ponto de vista, a sustentabilidade que o órgão de soberania como Assembleia Nacional deveria ter, sustentabilidade no seu funcionamento.

Disse aqui o Sr. Deputado Delfim Neves uma coisa que é verdade, somos 55 deputados, estando cindo a concorrer para a eleição presidencial, restam 50 que deveriam estar a trabalhar.

É preciso, não vou dizer os detalhes aqui, que cada um de nós aqui presente tenha em mente a decisão que foi tomada no dia em que elegemos aqui um dos Vice-presidente da Assembleia Nacional, os compromissos que o Grupo Parlamentar do ADI assumiu com a plenária, não foi cumprido. Levantava-se questões de natureza ética fortes e importantes para a vida da nossa Assembleia.

Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Caros Deputados, havemos de chegar a um momento em que as coisas vão ficar muito claras a nível da nossa Constituição, a nível do Regimento e dos outros instrumentos que mexem com as nossas atitudes e os nossos procedimentos.

O Sr. **Presidente**: — Acabamos de ouvir a intervenção do Sr. Líder parlamentar do MLSTP/PSD. Tem a palavra o Sr. Deputado Idalécio Quaresma.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, antes de começar a minha declaração política queria dizer ao Sr. Deputado Líder do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD que a ADI irá honrar os seus compromissos. A questão que levantou, sabemos de quê que se trata, mas na devida altura daremos resposta.

Ouvimos falar também da questão dos zínco. Sr. Ministro, o nosso Grupo Parlamentar pede ao governo que faça um esclarecimento cabal dessa situação, não só dos zínco, mas dos medicamentos que foram deitados fora, dos grupos de geradores que estavam na alfândega e muitas outras questões que de certeza sabem, a questão dos passeios, dos autocarros, temos que esclarecer tudo isso.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Doca, STP Trading, tudo isso.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — É normal, é uma área do governo então o governo deverá responder.

Sr. Presidente, Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares, Sras. e Srs. Deputados: Depois de alguma ausência hoje retomamos as reuniões plenárias e por conseguinte o fecho da 2.<sup>a</sup> Sessão Legislativa da IX Legislatura.

Já no início desta sessão estávamos a prever ser uma sessão pouco produtiva devido ao facto de coincidir com o início das campanhas eleitorais com vista a eleição do Presidente da República.

Eis-nos chegado ao fim da eleição com um vencedor. Gostaria desta tribuna saudar em nome do Grupo Parlamentar da ADI o Presidente da República eleito e desejar-lhe êxito no desempenho desta nobre função.

Gostaríamos também de aproveitar este momento para felicitar ao Povo de São Tomé e Príncipe por mais uma vez ter demonstrado o seu elevado sentido de responsabilidade e disciplina, tendo exercido o seu direito cívico de uma forma ordeira e exemplar.

São Tomé e Príncipe está de parabéns, porque mais uma vez demonstramos ao mundo de que a democracia veio para ficar neste arquipélago de nome santo.

Tendo já chegado ao fim do acto eleitoral, fecha o ciclo das eleições, por conseguinte, é agora hora de partimos ao trabalho com afinco e dedicação em prol do desenvolvimento de São Tomé e Príncipe, tendo em conta a difícil situação económica e financeira que o mundo atravessa.

Deste acto eleitoral como dos anteriores constatamos algumas questões que do nosso ponto de vista merecem uma reflexão profunda, desde logo a própria lei eleitoral que deve ser revista e adequada aos nossos tempos e as realidades actuais do País.

Sr. Presidente, Sr. Ministro, Sras. e Srs. Deputados, neste momento todos os órgãos eleitos da república foram renovados, desde logo; as câmaras, o parlamento e por último o Presidente da República. O que nos resta é só mesmo trabalho, e muito trabalho.

Só com muito trabalho, dedicação e disciplina que conseguimos levar de vencida a batalha pelo desenvolvimento de São Tomé e Príncipe.

O nosso lema de campanha foi a estabilidade, escolhemos este lema porque achamos que a falta de estabilidade ou seja a instabilidade que temos vindo a assistir no nosso país durante esses anos tem condicionado de forma negativa o nosso processo de desenvolvimento.

O maior desafio que temos pela frente, Sras. e Srs. Deputados, é combater a instabilidade e foi com agrado que assistimos que todas as candidaturas presentes no pleito eleitoral tinham como *slogan* a palavra estabilidade.

Dizia um escritor: «Somos o que fazemos, principalmente o que fazemos para mudar o que somos», Eduardo Galeano.

Chegando ao fim das campanhas eleitorais é o momento de passarmos a prática. Nós, os são-tomenses que votamos nessas eleições estaremos atentos ao desenrolar da situação.

*Aplauso da ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização.

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização** (Arlindo Ramos): — Sr. Presidente, Sras. Srs. Deputados, venho só dar alguns esclarecimentos que gostaria de dar ao Sr. Deputado Delfim Neves, porque ele perguntou directamente ao governo.

Sei que no âmbito regimental não é possível, já que se apelou muito ao bom senso gostaria de avançar alguns esclarecimentos sobre o assunto.

**Uma Voz**: — Quem que deu autorização?

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — O Sr. está a falar em que quadro?

O Sr. **Hélder Paquete** (ADI): — No quadro do bom senso.

*Murmúrios.*

O Sr. **Presidente**: — No quadro regimental não há lugar, agora ele pede que a Plenária decida em bom senso se pode fazer alguns esclarecimentos.

*Murmúrios.*

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização**: — Obrigado Sras. e Srs. Deputados pelo vosso sentido de bom senso.

Ao Sr. Deputado Líder do Grupo parlamentar do PCD gostaria só de dizer que qualquer são-tomense que trabalha, depois de um ano de serviço tem seu direito de férias, qualquer, e já tivemos um ano de serviço.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Antes.

O Sr. **Ministro dos Assuntos Parlamentares e da Descentralização**: — O senhor falou, eu não contestei, portanto, quando um burro fala o outro baixa a orelha.

*Risos.*

*Aplausos da ADI.*

Só gostaria de lhe dizer que sobre as chapas de zinco, autocarros, contentores de resma de papel que ainda estão na alfândega, sobre outras questões que iremos esclarecer, depois o senhor terá oportunidade de ouvir o esclarecimento necessário. Gostaria de lhe dizer que essas coisas estiveram na alfândega desde 2009, e são 22 contentores de chapas de zinco que foram importados por gente ligada ao PCD.

Portanto, se querem o esclarecimento necessário, vamos dar imediatamente. Não estou a dizer que a venda das chapas de zinco foi feita de uma forma ilegal ou como o senhor acha que o governo fez, mas só gostaria de lhe dizer que reunisse todas as informações necessárias sobre o assunto antes de trazê-lo para cá.

Queremos evitar que antes de concluir um determinado processo trazer este mesmo processo ao conhecimento público sem ter em conta a dignidade, o carácter das pessoas, evitar fazer acusações levianas, queremos respeitar as pessoas. Este é o nosso princípio, este é o princípio dos membros deste governo.

Para lhe dizer que as chapas de zinco estando na alfândega desde 2009, importada da forma como foi, dos valores atribuídos ao custo das chapas, só gostaria de lhe perguntar uma coisa e gostaria que o senhor respondesse honestamente, tendo em conta que o senhor tem conhecimento de toda a situação a volta desse donativo do Japão que foi entregue ao Governo de São Tomé e Príncipe para importação de materiais não alimentares. Acho que o senhor tem toda informação:

- Como é que esse fundo foi gerido?
- Quais são as pessoas que foram beneficiadas?
- Quais são os materiais que foram importados?

— Quais foram as empresas que importaram esses materiais?

— Porquê que não retiraram os materiais das alfândegas?

Tudo isso tem que ser esclarecido e vai ser esclarecido e sei que o senhor sabe disso tudo.

Sobre a questão da Doca, também sabemos qual é o problema da Doca. Ninguém teve a coragem de tomar uma decisão sobre a Doca, nós tomamos. O senhor pode achar incorrecta essa nossa decisão, outras pessoas podem também achar correcta, isto é uma opção do governo, o governo teve opção em relação a essa questão e teve a coragem de assumi-la. Nós iremos esclarecer também tudo sobre a Doca.

Sobre os passeios, o senhor não devia estar a levantar esse problema, o senhor é um dos maiores responsáveis dessa situação, sabe enquanto foi ministro, mas estamos a tentar resolver o problema de uma forma mais ética possível para evitar outras coisas mais, o governo está a resolver esta situação.

O senhor foi vítima de várias coisas aqui na Casa Parlamentar que muita gente discordou da forma como as pessoas lhe dirigiam palavras e queremos evitar isso, não queremos ir por esse caminho. Queremos fazer as coisas como está na lei, como a ética educativa de cada cidadão é expressa, não queremos estar a desrespeitar aquilo que é uma pessoa humana.

Sinceramente, fico triste, fico um pouco perplexo com algumas questões que o senhor levantou aqui, porque isso é atirar arreia para olhos daqueles que não sabem a verdade.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Direito a réplica Sr. Presidente está estatuído.

Devo dizer ao Sr. Ministro, que conhece-me muito bem e nós nos conhecemos e bem, sabe que não abro a boca a toa e quando abro é porque tenho razão e mostrei cá documentos. Sobre as chapas do zinco tenho todo o dossier completo, desde o despacho, o decreto que se fez, a taxa portuária que deveria ter sido cobrada e aquilo que se cobrou, tem tudo aí.

O que perguntamos é qual foi o destino dessas chapas? Se era foram vendidas em leilão, se foram vendidas de forma directa a um comerciante ou se foram distribuídas na campanha em nome de um determinado partido, é isso que queremos saber.

Eu não tenho que saber como é que foi gerido os fundo porque não fui beneficiado, nem sabia dos fundos. Para ficar mais claro o senhor é que é Ministro, o senhor é que deve esclarecer quem foi beneficiado, quem fez a gestão dos fundos, não é o deputado, cabe ao governo fazê-lo.

Mas, antes gostaria de dizer-lhe outra coisa. Dizia aqui quando um burro zorra o outro cala. Só se os dois forem burro, se o outro não for burro não cala.

Sobre o passeio o Sr. Ministro disse que sou o grande responsável. Responsável de quê?

De ter mandado reabilitar os passeios? Eu assumo esta responsabilidade e quando sai do governo disse aqui neste púlpito: «Existe e deixei ficar verbas para concluir o passeio, existe e deixei ficar projectos para concluir o passeio».

Que eu saiba são os mesmos empreiteiros que foram recrutados e que estão agora a concluir os passeios. Então, responsável de quê?

É bom que isso venha a baile, porque deixa sempre um sinal como se tivesse cometido algum erro de ter mandado reparar os passeios. Que isso fique bem claro Sr. Ministro.

Sobre a Doca não ponho a questão das opções, cada governo faz a opção que quiser, isso é uma questão do governo.

Enquanto estive no governo a nossa opção era ser mercado de comercialização e conservação de pescado, se o outro governo entendeu fazer supermercado ou centro comercial, tudo bem.

Estamos a solicitar, qual foi o mecanismo de adjudicação?

Foi por via do concurso público ou adjudicação directa? É essa a questão de procedimento que estamos a levantar, não estamos a levantar a questão de forma ou opções.

Portanto, Sr. Ministro, o senhor que traga aqui o seu elenco com a questão de STP Trading, traga autocarros, passeios, zínco, resmas de papel. Isso é papel do governo, o governo não pode estar só a anunciar e deixar as pessoas na dúvida. Como tem sido utilizado na campanha, não trazem a verdade para aqui. Estou cá, assumo as minhas responsabilidades.

Se não for forjado, se não for inventado, Delfim Neves não tem absolutamente nada para os senhores estarem a pegar como se fosse acto de corrupção.

O Sr. **Presidente**: — Tem palavra o Sr. Deputado José Viegas.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, tendo ouvido às declarações que houve aqui e as referências feitas pelo Sr. Deputado Delfim Neves, sobretudo, relativo ao documento que apresentou sobre as questões de zinco, acho que a atitude da Assembleia deve ser uma atitude coerente e consequente. Gostaria de sugerir que fosse criada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI).

*Murmúrios.*

Sr. Presidente, digo isso querendo ser também coerente com algumas declarações, com algumas afirmações que vêm sendo feitas ao longo dos tempos. Ou queremos que as coisas sejam feitas com seriedade e com devido esclarecimento ou então andamos aí nas brincadeiras e nas bagunçadas, eu pessoalmente não me revejo nisso, eu me revejo nas coisas sérias. Se é sério então vamos levar a sério.

O Sr. **Presidente**: — Estou a ver a Lei do Regime dos Inquéritos Parlamentares, como disse o Sr. Líder do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, a qualquer momento pode-se criar.

1. Diz o artigo 3.º:

«A iniciativa de inquérito parlamentar compete:

- a) Aos Grupos Parlamentares;
- b) Às Comissões Especializadas Permanentes;
- c) A um mínimo de cinco deputados;
- d) Ao Governo através do Primeiro-Ministro.»

Portanto, o seu grupo parlamentar ou os deputados do seu grupo pode introduzir a iniciativa e a Mesa dará o tratamento devido e oportuno.

Como sabem a Assembleia Nacional reúne-se em duas sessões ordinárias por ano e esta sessão que é a segunda desta Legislatura, teve início no dia 15 de Abril e termina hoje dia 15 de Agosto por imperativo legal.

Considerando porém, a necessidade premente de dar seguimento aos trabalhos parlamentares, aliás, das intervenções aqui feitas reconhece-se que de facto durante esta sessão produziu-se pouco.

Por isso é que gostaríamos que durante o período de férias parlamentares que começa amanhã e termina no dia 14 de Outubro, pudéssemos autorizar as cinco comissões que têm na sua posse no âmbito das suas competências vários projectos, propostas e petições que pudessem trabalhar normalmente para atender as exigências da sociedade, as solicitações do governo e não só.

Por isso, é que apresentamos um projecto de resolução para esse efeito. O projecto está distribuído em folhas avulsas a cada um dos Srs. Deputado, se não estou em erro, e gostaria de submeter a apreciação dos Srs. Deputados. O projecto tem um preâmbulo e dois pequenos artigos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Idalécio Quaresma.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, quanto a questão estou de acordo, mas a grande dúvida que tenho é se efectivamente conseguimos trabalhar nas férias. No período normal temos dificuldade imensas, fazer uma resolução para dizer que vamos trabalhar de férias essa sim a experiência já demonstrou que pouco ou nada conseguimos fazer, mas de toda a forma vamos legislar esta matéria e ver no que vai dar, tenho muitas dúvidas.

Estando de férias qual é o estímulo que terá os deputados para virem trabalhar?

Essa é a minha preocupação, porque na realidade existem muitos diplomas para concluirmos. Depois uns e outros é que são sacrificados, aprecem todos os dias, mas nunca tem quórum para reunir a comissão. A minha preocupação é se vale mesmo a pena.

O Sr. **Presidente**: — Há outra intervenção sobre isso?

O Sr. Deputado Idalécio Quaresma levanta o problema das dificuldades que na prática as comissões experimentam no seu labor parlamentar, mesmo no período normal de funcionamento da Assembleia..., e será que no período das férias parlamentares haverá produtividade para o cumprimento daquilo que vamos decidir?

É uma interrogação para a Plenária.

Nas intervenções dos Srs. Líderes Parlamentares alguns citaram o marasmo que a Assembleia entrou durante o período das campanhas. De facto verificou-se isso, mas também como Presidente da Assembleia Nacional fui alertado mesmo nas vésperas da campanha da dificuldade das comissões trabalharem.

Não só a questão das campanhas eleitorais as presidenciais, mas também é um vício aqui da Casa a falta de envolvimento e a participação efectiva dos Srs. Deputados nos trabalhos das comissões.

Na Conferência de Líder da sexta-feira tentamos aprofundar essa análise até houve expressões no sentido de endurecer as sanções previstas no estatuto dos Deputados que constantemente faltam aos trabalhos das comissões. De facto, no estatuto dos Deputados está prevista a sanção disciplinar que vai até ao desconto em termo da remuneração salarial dos deputados para aqueles que não comparecem e que não dão corpo aos trabalhos das comissões.

É uma realidade, mas de facto precisamos de trabalhar e Assembleia para trabalhar, as comissões é que são obreiros dela. Sem os trabalhos das comissões, a Mesa não tem matérias para mover Assembleia e fazer funcionar-la. Portanto, é uma questão que só aos Srs. Deputados e Deputadas é que diz respeito. Podemos então avançar com a proposta no sentido que a comissão funcione normalmente perante o período de férias e que dê vazão aos trabalhos acumulados. Tem a palavra o Sr. Deputado Octávio Boa Morte.

O Sr. **Octávio Boa Morte** (ADI): — Sr. Presidente, penso que tem aparecido durante a sessão um papel para os Deputados assinarem se estão interessados a participarem nos trabalhos durante as férias e penso que os elementos que fazem parte, possivelmente, das três comissões vi-os a rubricarem o papel.

Quer dizer que é um termo de compromisso de que eles aceitam a trabalhar ou a marcar presença durante os períodos de férias. Então, não vejo a razão de as pessoas estarem em silêncio durante a explicação ou a interrogação feita pelo Sr. Presidente quanto a isso.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Guilherme Octaviano.

O Sr. **Guilherme Octaviano** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, para além dos aspectos que foram abordados da participação dos elementos das comissões, há uma outra questão que também era bom que se visse que também é o suporte que às vezes a própria estrutura da Assembleia não corresponde.

Refiro-me concretamente a algumas deslocações por exemplo ao nível da 4ª Comissão que às vezes não há transporte, não há nem água para nós os deputados, não há papel.

E muitas vezes já estive cá e até hoje já pedi alguns documentos que eu trouxe para fotocópia e não recebi. Até fiquei para receber mais uma resma de papel de modo a ver se efectivamente concluía esse trabalho, portanto, de modo que a Assembleia evoca ausência de suporte financeiro para poder apoiar os deputados.

Sabemos também por outro lado que há falta de algumas estruturas humanas, suporte técnico para que as comissões possam funcionar no seu pleno. Para além desses aspectos que o Sr. Presidente acabou de dizer de ausência de alguns dos Srs. Deputados também era bom que houvesse essa ressonância da parte da própria Assembleia em si.

O Sr. **Presidente**: — A Mesa toma boa nota sobre isso. De facto algumas comissões já manifestaram essa falta de meios, nomeadamente estou a referir da 3ª e da 4ª Comissão em que nós ao nível dos serviços vamos tentar reforçar esses aspectos.

No artigo 58.º que é o mecanismo que estamos a utilizar no sentido de autorizar as comissões a funcionarem durante as férias parlamentares diz que a Assembleia pode deliberar este trabalho, mas com anuência da maioria dos membros da comissão. E lembrando disso antes de iniciar a reunião pedi para acolherem essa anuência como disse o Sr. Deputado Octávio Boa Morte.

Tenho em mão por exemplo a 1ª Comissão que é a Comissão dos Assuntos Constitucionais, Político, Jurídico e Institucionais em que a maioria aderiu. Anuiu, portanto, a iniciativa. A Comissão dos Assuntos Económicos idem, a Comissão dos Assuntos Sociais também, a Comissão de Obras Públicas e Recursos Naturais quase por unanimidade e a Comissão dos Direitos Humanos, Géneros e Cidadania também a maioria dos seus membros aderiram a iniciativa.

Portanto, podemos avançar indo a aprovação na generalidade.

*Submetida à votação, foi aprovada com 46 votos a favor.*

Passamos a votação na especialidade.

Tem a palavra o Sr. Deputado Albertino Bragança.

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Sr. Presidente, isso é uma questão que não será tanto de pormenor. Não tem muito a ver com o conteúdo da resolução? Mas eu ponho em causa a forma que nós utilizamos aqui.

A Assembleia Nacional resolve nos termos da linha tal, tal, tal do artigo tal. Porque há uma contradição numa questão que vem de facto essa Lei 10/2008 lei sobre publicação, identificação e formulário dos actos normativos. Fala aí em resolve, mas a Constituição da República no artigo 97.º da alínea b) que está na página 43 do livro que temos «diz que a Assembleia Nacional faz as leis e vota moções e resoluções». E o vota, nós utilizávamos antes.

Portanto, antes de aparecer o resolve e como a Constituição tem força sobre qualquer lei não sei se nós estamos agindo correctamente ao utilizar esse resolve e não vota como diz a constituição.

É uma questão que eu queria levantar para chamar atenção pelo menos porque nós ficamos numa situação face a algumas propostas de resoluções. E ainda vou trazer uma, dentro de pouco tempo, em que debato-me sempre com este problema.

Vamos respeitar a Constituição ou vamos respeitar a tal lei.

O Sr. **Presidente**: — Eu queria lhe dizer que também tenho a mesma sensação. E sempre que faço a minuta desses instrumentos, utilizo sempre o termo votar.

Os serviços têm-me corrigido constantemente. Porque o serviço vai a tal Lei 10/2008 e põe, resolve. Eu também penso que devia ser a Assembleia vota, tanto mais que submetemos a votação, e três votações. Bom, mas eu nesse assunto como em qualquer outro e porque uma cabeça só não resolve talvez pedíamos a contribuição dos nossos juristas.

O que é que nos aconselha sobre a matéria? O problema está levantado e peço a colaboração dos Srs. Deputados juristas para tentarmos clarificar a situação.

T em a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, para dar a minha contribuição, penso que o resolve tem a ver com a expressão resolução. Para haver resolução tem que haver um acto que é de votação. Logo, quando o texto vem resolve não há problema quanto a isso. Mas para haver resolução tem que haver a votação. A votação é um acto. É essa explicação que eu tenho.

Na minha opinião não há contradição, porque não pode existir resolução sem o acto de votação. Logo, a votação aqui vota é o acto para se chegar a resolução.

O Sr. **Presidente**: — Há mais alguma chega? Sr. Deputado Albertino Bragança, esclarecimento satisfaz?

O Sr. **Albertino Bragança** (PCD): — Não, se é resolve, pode-se resolver.

O Sr. **Presidente**: — Portanto, tinha colocado a votação na especialidade Primeiro preâmbulo e não havendo qualquer observação para além daquela que foi colocada pelo Sr. Deputado Albertino Bragança podemos submeter a votação na especialidade; preâmbulo.

*Submetido à votação, foi aprovado com 46 votos a favor.*

Artigo 1º

*Submetido à votação, foi aprovado com 46 votos a favor.*

Artigo 2º

*Submetido à votação, foi aprovado com 46 votos a favor.*

O Sr. **Presidente**: — Sendo assim, declaro encerrada a sessão.

*Eram 13 horas e 10 minutos.*